



n. 18598

ARTIGO

por Josemar Dantas

PAÍS DO FUTURO

Um dos ensaios de maior estatura literária já escritos sobre o Brasil saiu da pena de um vienense em 1941, Stefan Zweig. A obra intitulada *Brasil, país do futuro*, recebeu aqui aclamação do universo intelectual democrático. Houve, porém, resistência de grupo de escritores envenenado pelo nacional-socialismo alemão (nazismo) e afinado com a tendência fascista do governo Getúlio Vargas. A má recepção, malgrado inexpressiva, deveu-se ao fato de Zweig haver buscado asilo em território brasileiro para escapar da tirania nazista, que avançara sobre o seu país e ameaçava espalhar-se por todo o continente europeu.

Na análise do ensaísta, o Brasil exibía as condições estratégicas para se converter em uma grande nação. Considerava que a depressão, motivada pela Guerra Mundial em curso, logo cessaria. Então, os brasileiros poderiam converter em vigoroso desenvolvimento o enorme potencial de suas riquezas, até então pouco exploradas.

A recorrência às previsões de Zweig, de resto de amplo conhecimento, serve para subsidiar algumas considerações sobre a realidade brasileira de hoje. Em 1942, quando ele remeteu seu livro às livrarias, o Brasil não passava de um país agrícola. Mas tentou seguir o processo de industrialização há muito efervescente nos países desenvolvidos. São exemplos da nova concepção de crescimento econômico a criação da Fábrica Nacional de Motores (desativada no governo Juscelino Kubitschek), da Companhia Vale do Rio do Doce e da Companhia Siderúrgica Nacional. Mas o sustentáculo da economia permaneceu alicerçado na exportação de produtos primários colhidos em lavouras interiores, o café em primeiro lugar.

De lá para cá, o Brasil se tornou um dos mais importantes parques industrializados. A legislação, em seguidas mudanças, abriu espaços aos investimentos estrangeiros. A indústria automobilística é o indicador mais notório do sucesso na atração de capitais externos destinados à expansão do setor industrial.

O cenário, contudo, chama atenção para a perda de identidade da economia, agora transformada em um vasto canteiro onde só é possível

dispor, salvo exceções medíocres, de produtos órfãos de marca e de tecnologia brasileiras. De creme de barbear até bens de capital, com passagem por veículos automotores, equipamentos para manutenção de máquinas, peças de reposição, planilhas tecnológicas, tudo estampa o logotipo do fabricante estrangeiro. E tudo cobra ao contribuinte substanciais remessas de lucros ao exterior. A título de pagamento de dividendos, nos últimos quatro anos a indústria automobilística enviou às matrizes nada menos de US\$15,4 bilhões. Sabe-se que as demais indústrias com sede no exterior transferiram somas iguais ou maiores, no mesmo período.

Convém lembrar — como já se fez algumas vezes neste espaço — que o Brasil também não produz robôs, celulares, tabletes, televisões e inúmeros outros dispositivos eletrônicos. As peças são importadas e aqui montadas.

As autoridades sustentam que as fábricas alienígenas criam soma considerável de empregos no país. Por acaso considerariam normal os fabricantes trazerem os trabalhadores que empregam no exterior? Vale observar que a Coreia do Sul, malgrado a decisiva ajuda dos EUA na guerra contra os comunistas ao norte, decidiu fundar na educação e na pesquisa tecnológico-científica as bases para o desenvolvimento autônomo. Hoje, elevado a nação do Primeiro Mundo, fabrica e exporta bens de capital, automóveis de última extração tecnológica, graneleiros, transatlânticos, equipamentos pesados e tudo o mais que situa o país entre as mais pujantes e modernas economias do mundo.

Como em 1942, o Brasil, a rigor, não passa de país agrícola. O agronegócio faturou R\$ 1 trilhão em 2013. A cifra corresponde a 22,8% do Produto Interno Bruto. Vale dizer, o PIB teria sido ainda mais pífio nos últimos anos não fosse o desempenho do setor agropecuário. Ouve-se, aqui e ali, que o PIB dos Estados Unidos também recebe reforço da espécie. Explique-se, porém, que os EUA são os maiores produtores de grãos entre todas as economias ancoradas na agricultura e a maior potência industrializada do globo.

Stefan, vamos aguardar: o Brasil ainda é o país do futuro.